

A CRÔNICA JORNALÍSTICA: INTERDISCURSO E INTERTEXTUALIDADE

Losana Hada de Oliveira PRADO¹

Doutora em Língua Portuguesa ó PUC-SP

Docente da Pontifícia Universidade Católica ó PUC-SP ó BR

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir acerca do interdiscurso e da intertextualidade na constituição da crônica jornalística ãA Copa e o tempoõ, de Carlos Heitor Cony. Pretendemos, inicialmente, definir o gênero crônica e, em seguida, o discurso futebolístico, já que o tema da crônica analisada é o futebol. Tendo como base a relação entre os diferentes planos do discurso, entre eles a intertextualidade, procura-se verificar como se constitui o espaço de trocas (interdiscurso) que antecede a gênese dos discursos presente na crônica. Considerando que há sempre um diálogo interdiscursivo entre diversos enunciados para a produção de sentidos, pretende-se compreender como o discurso nesse gênero é constituído à luz da teoria da Análise do Discurso e como se articula no trabalho pedagógico de língua portuguesa. Constatamos que a crônica jornalística é constituída de outros discursos e não objetiva ao mero entretenimento, assim, esse tipo de abordagem deve ser trabalhado também no contexto escolar, principalmente no ensino de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Interdiscursividade. Intertextualidade. Crônica.

INTRODUÇÃO

Quando lemos, estabelecemos relações entre o que está escrito no texto, o que não está relacionamos com o que temos em nossa memória discursiva. A intertextualidade é a presença de um texto inserido em outro texto produzido anteriormente. Para a identificação da intertextualidade, é necessário que o texto-fonte faça parte da memória discursiva do leitor e

¹ Endereço eletrônico: losanaprado@hotmail.com

seja ativado no momento da leitura. Em muitos casos, a produção de sentidos desejada na leitura depende da identificação da intertextualidade. Ela pode ser identificada por um intertexto de maneira implícita ou explícita. O texto-fonte pode ser ativado por um trecho, estilo, gênero ou tipo.

Pretende-se, na análise a seguir, enfatizar a relação de sentidos que o texto mantém com quem o produz, com quem o lê, com outros textos (intertextualidade) e com outros discursos possíveis (interdiscursividade). No entanto, é importante observar que um sentido constrói-se independentemente do que seja pretendido pelo autor. Nessa perspectiva, Chartier afirma que,

Apreadido pela leitura, o texto não tem de modo algum, ou ao menos totalmente o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da literatura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro [ou crônica] pretende lhe impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1998, p.77)

A crônica é um texto que pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por outra pessoa, que é contratada pelo jornal para escrever em um espaço específico. A crônica analisada é assinada, publicada no caderno Ilustrada e expressa a visão do seu autor a respeito do tema futebol, modalidade esportiva e fenômeno cultural na sociedade brasileira.

Um dos discursos da imprensa, que às vezes é alocado em âmbitos não especializados é o futebolístico e, pelo fato de ele se constituir interdiscursivamente e se materializar textualmente de forma argumentativa na imprensa escrita, despertou-nos interesse de estudo e de análise, mesmo diante de inúmeros trabalhos que discutem essa temática, uma vez que percebemos, ainda, a escassez daqueles que a abordam sob o ponto de vista discursivo.

Nesse contexto, a interdiscursividade e a intertextualidade são conceitos importantes para a compreensão da presente análise. Ambos começam com o prefixo *ōinterō*, que representa uma ideia de posição intermediária, de reciprocidade, de relação entre coisas. Por essa razão, pode-se afirmar que a interdiscursividade está para a relação entre discursos e a

intertextualidade para a relação entre textos que resulta do processo de enunciação. Os dois fenômenos referem-se à pluralidade de vozes que permeiam o processo textual e discursivo. Segundo Greimas e Courtès (1979, p. 160), o discurso é o patamar do percurso gerativo de sentido em que um enunciador assume as estruturas narrativas. Dessa forma, podemos compreender o discurso como a categoria semântica que sustenta o texto e, esse, como a materialização do discurso. Assim, o trabalho pedagógico com muitos tipos de textos precisa ter como foco essa materialização do discurso.

Para Bakhtin (2003), o discurso assume um caráter social, na medida em que se realiza em um determinado contexto histórico-social e é determinado pela linguagem posta em prática por indivíduos situados historicamente e socialmente. A presença de um outro, que recebe várias denominações como leitor, co-enunciador, receptor, faz parte do discurso: em um nível de análise é o locutor que se coloca em evidência, num nível mais profundo, é possível observar que o ouvinte é um agente indireto do discurso na medida em que é nele que se justifica o próprio discurso (OSAKABE, 1999, p. 54). A interdiscursividade, nesse sentido, é condição própria do discurso na concretização da pluralidade de vozes, na construção dos sentidos percebidos por cada sujeito nas relações de interação.

Já a intertextualidade, recurso ligado à tessitura argumentativa, está sempre presente na produção textual. Tal fenômeno é percebido ou não pelo produtor durante o processo de produção de um texto, independentemente do gênero a que ele pertence. O processo de intertextualização não se limita ao simples reconhecimento de um texto em outro; mais que isso, ele propicia considerar todos os sentidos que compõem esse contexto maior de produção textual. Koch (1986) afirma que a intertextualidade constitui um dos poderosos princípios de textualidade, e está subjacente a ela em maior ou menor grau, a argumentatividade.

Percebemos, então, que a argumentação, a intertextualidade e a intencionalidade são procedimentos interligados que direcionam a leitura de um texto, portanto, devem ser identificados, reconhecidos e interpretados pelo leitor.

Segundo Bakhtin (2003, p. 263), o texto é uma tessitura polifônica que dialoga com vários outros textos, outras vozes. O Dialogismo é o conceito que permeia toda a obra bakhtiniana, é o princípio constitutivo da linguagem e, implica que pensar em relação dialógica é remeter a outro princípio, ao da não autonomia do discurso, ou seja, ao fato de que as palavras estão sempre atravessadas pelas palavras de um outro. Disso decorre que todos são

sujeitos da enunciação. Julia Kristeva (1978) considerou o fenômeno do dialogismo textual como intertextualidade. Para a autora qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de outro texto. Greimas (1966, p. 134) concorda:

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. [GREIMAS, 1966, p. 134]

Conforme Frasson (1992, p. 90), para captar a intertextualidade, é preciso ativar o conhecimento de mundo, aquele que está armazenado na memória, pela vivência, como também pelo conhecimento partilhado. Um repertório ou memória cultural e literária são importantes para que haja, por parte de quem recebe o texto, uma percepção dos textos superpostos para reconhecer a intencionalidade do autor ao usar esse recurso argumentativo.

A nossa opção pelo estudo do gênero crônica privilegia a análise das marcas de autoria, por meio da inserção de vozes e do diálogo com outros gêneros, considerando que a crônica é um gênero híbrido, mescla de relato e ficção, e que o uso de recursos estilísticos dá ao texto a marca do autor.

Para Toledo (1996, p. 164): a intertextualidade é como reflexo de muitos sujeitos em uma manifestação individual. Em épocas de desagregação sociocultural é ela quem confere uma possível estruturação ao estilhaçamento dos discursos. Assim, a escolha da intertextualidade como plano de análise está relacionada ao gênero discursivo, crônica jornalística, que apresenta características relevantes à nossa análise e, de acordo com Maingueneau (1997), há gêneros que têm como objetivo principal persuadir o público, levando-o a aderir a uma determinada comunidade discursiva. Assim, na concepção de ensino, o professor de língua portuguesa tido como uma pessoa ativa que atua e reflete sobre sua atuação, aborda uma aprendizagem voltada para o processo de reflexão, diálogo e pensamento crítico.

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

As primeiras análises sistematizadas acerca do gênero são atribuídas a Platão, na Antiguidade. Segundo Brandão (2000), os gêneros foram, de início, vinculados aos domínios da literatura e da retórica, recebendo classificação bastante diversa. Os estudos feitos pela Retórica Antiga, por exemplo, discriminavam os discursos deliberativo, judiciário e epidítico. Durante a Idade Média, devem-se muitos desses estudos sobre gêneros e sobre a natureza dos discursos a Aristóteles.

O conceito de gênero não deve ser algo fechado, mas aberto a possibilidades de enriquecer e ampliar sua carga discursiva e, conseqüentemente, de significados. Para Resende:

A noção de gênero deve ser ampliada, de forma a possibilitar uma variedade tal de discursos que desfruta a própria hierarquia imposta aos gêneros e admita serem eles suscetíveis, não só de misturarem-se, mas de romperem com suas próprias amarras. [RESENDE, 2002, p. 29]

No século XX, segundo Gregolin (2011), as discussões em torno dos gêneros tornaram-se alvo de vários estudos e, com isso, os gêneros passaram a ser considerados como produtos da história e sujeitos a mudanças de acordo com a época e a situação comunicativa na qual eram produzidos. Nesse contexto, as discussões realizadas por Bakhtin (2003) foram responsáveis pela ampliação do conceito de gênero, uma vez que o filósofo não restringe sua concepção apenas aos textos institucionalizados, mas, estende-os a toda e qualquer forma de produção verbal (oral ou escrita). Ainda, segundo o autor, os gêneros do discurso são necessários para a possibilidade de compreensão no processo comunicativo e, nessa perspectiva, o autor assevera:

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. [BAKHTIN, 2003, p. 29]

Os gêneros, para Bakhtin (2003), correspondem a resultados de uma tipificação social de enunciados que se constituem historicamente e apresentam traços regulares dados pelas atividades dos indivíduos. Assim, o indivíduo busca, dentre as formas disponíveis, a

mais adequada para a sua intencionalidade e, diante dessa escolha, é possível afirmar que os gêneros não são entidades abstratas, mas concretas e fundadas pela historicidade. Os gêneros também não se resumem à forma, uma vez que isso remeteria a uma simplificação linguístico-textual que deixaria de lado o componente discursivo.

Para Maingueneau (2008, p. 90), o gênero discursivo é uma òvertente tipológica formal, do modo de enunciação, que é a contrapartida do tom, voz fictícia que garante a presença de um corpo, ainda que o discurso seja escrito. O autor afirma que òcada gênero presumes um contrato específico pelo ritual que define (1997, p. 34), por isso não podemos dizer o que queremos, em qualquer lugar, para qualquer indivíduo, já que essa prática pressupõe um contrato. Para o autor, há gênero quando vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns.

Quanto à crônica do modo como é analisada nesse artigo diferencia-se de outros gêneros por sua característica subjetiva, humanística e reflexiva, aspectos que auxiliam na interligação entre teoria, prática e sociedade. Entretanto, na esfera jornalística, a crônica ganha características determinadas por esse veículo midiático, ou seja, texto limitado pela diagramação, curto espaço de tempo para o autor escrever, simplicidade da linguagem são algumas das imposições feitas à crônica pelas necessidades e características do jornalismo. O cronista, por sua vez, ocupando o espaço de uma coluna assinada, mesmo tendo o viés opinativo e a responsabilidade da expressão crítica de seu pensamento, não escapará à ideologia do jornal que, por meio da linguagem, também não tem como primar pela objetividade e imparcialidade dos fatos.

Quando nos referimos à ideologia, temos como pressuposto que o discurso como prática social orienta questões de interesses diversos, dentre os quais o político e o ideológico que contribuem para reproduzir as estruturas sociais, bem como para transformá-las. Segundo Chauí (2001, p. 108), a ideologia é òum conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) ò orientando o pensamento e o comportamento de uma sociedade dividida em classes. Assim, a ideologia é um construto das classes dominantes que tem a função de normatizar o comportamento e o pensamento das classes dominadas nas relações de poder. No entanto, considerando a ideologia como relativa a grupos sociais, percebemos que uma classe tida como dominada também possui seus meios de dominação.

Acreditamos que a compreensão das características do gênero crônica no ambiente escolar proporciona ao aluno desenvolvimento de questões éticas, discernimento sobre perfis humanos, experiências emocionais e afetivas que a leitura literária pode proporcionar ao educando no seu percurso de aprendizagem durante as aulas de língua portuguesa na escola, além de uma formação linguística mais competente no sentido de interação nas mais variadas esferas sociais.

O DISCURSO FUTEBOLÍSTICO

A forma como concebemos o termo discurso em nossa análise é a que Maingueneau (2008, p. 15) conceitua, ou seja, uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas. Para o autor, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso constitui-se na relação polêmica com outro. O sujeito é um espaço dividido por discursos, e a língua, um processo semântico e histórico.

Diante dessa perspectiva, fica concebido o discurso não focado apenas no funcionamento linguístico, mas na relação que o sujeito e esse funcionamento estabelecem reciprocamente. Assim, o objeto de estudo não recai somente na língua, mas também no que há por meio dela, ou seja, as manifestações humanas nas mais diversas relações: de poder, de identidades sociais, de inconsciência ideológica etc.

O lugar de onde emerge o discurso, segundo Maingueneau (2001), é essencial para que o analista tenha condições práticas para observar as condições de produção e os efeitos de sentidos que elas estabelecem. Dessa forma, compreendemos que o lugar onde opera o discurso não está situado no plano textual, mas discursivo, ou seja, o espaço discursivo.

A crônica, como muitos outros, é um gênero que experimentou transformações ao longo dos séculos e assumiu configurações bastante variadas, mas conserva como uma de suas fontes a memória. Para Pêcheux (1999), memória não se trata de uma lembrança, mas de um espaço onde se inscrevem ideologias, crenças e discursos, que são a condição essencial de produção e da interpretação de sequências discursivas, de sentidos. Assim, para reavivar sentidos cristalizados ou para fabricar sentidos novos, a mídia lança mão da memória, recuperando-a ou atualizando-a conforme seus interesses.

O assunto futebol, tema atemporal de nossa análise, é abordado, geralmente, pelos cronistas como um discurso do tipo relatado, quase notícia em alguns casos e em outros, com um tom opinativo, textos com algumas pitadas de humor, de ironia ou lirismo, levando o leitor a se posicionar. Porém, vale lembrar que a crônica analisada não é esportiva, mas tem como assunto o futebol e, que, segundo Pedrosa (1968, p.12) é òfilão inesgotável à disposição dos criadores em qualquer gênero literário.

Nesse processo de assimilação, é possível afirmar que, em cada sociedade, os discursos midiáticos acabam refletindo a construção da opinião pública, ou seja, o conjunto de opiniões individuais embebidos da palavra do outro, caracterizado, em graus variáveis, pela alteridade.

Segundo Bellos (2003), o futebol é o maior símbolo da identidade nacional brasileira e a valorização do esporte brasileiro é tamanha, que seus sintagmas e suas expressões invadem o campo da linguagem cotidiana, em que são investidos de novos sentidos, criando metáforas caracterizadoras da nossa cultura futebolística. Logo, o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer acontecimento que se enuncie acerca do futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil, sobretudo durante a Copa do Mundo. Conforme Fernández (1974, p. 49), òdurante a Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo ó tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube -, passou a ser um meio de afirmação nacional. Ainda segundo Fernández (1974), para os brasileiros, a Copa do Mundo tem um sabor mais especial do que para os outros povos, já que é nela que o Brasil se reconhece como potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico.

É durante a Copa do Mundo que se apagam as mazelas socioeconômicas do país e as desventuras particulares de cada cidadão e, em torno de uma única causa, todos torcem por um só time: a seleção brasileira. No âmbito escolar observa-se que, em geral, o tema futebol propicia empatia e provoca no leitor uma posição participativa no sentido de ler nas linhas e entrelinhas os possíveis significados e construção de sentidos por meio das marcas encontradas no texto. Assim, tratar dessa temática fora de um espaço especializado ganha intencionalidade significativa e interpretações variadas de leitores diferentes e, eventualmente, do mesmo leitor em tempos diferentes, já que a compreensão é resultado de atividade mental do sujeito que se vale de conhecimentos armazenados em sua memória.

INTERDISCURSO E INTERTEXTUALIDADE EM ÕA COPA E O TEMPOö

Reconhecemos e compartilhamos dos investimentos que a linguística fez acerca do processo de intertextualidade explícita e implícita ou, nos termos de Maigueneau (2008), heterogeneidade mostrada e constitutiva, porém entendemos que elas só podem ser apreendidas por um procedimento analítico que parta do primado do interdiscurso e que possa ir além da disciplina. Procederemos à análise da crônica intitulada *A Copa e o tempo*, de Carlos Heitor Cony, publicada em 18 de junho de 2010.

A Copa e o tempo

AS RUAS estão enfeitadas de verde e amarelo: é a Copa do Mundo, mais uma. Competição e patriotismo à parte, cada Copa serve de referência, de baliza temporal para medir os anos que passam. Valem mais do que o simples Réveillon que comemoramos anualmente: afinal, o tempo ganhou uma dimensão nova e o espaço de 12 meses é curto para as grandes perspectivas interiores.

Quatro anos não é muito nem pouco: é bastante. Chegará o dia em que mediremos nossa verdadeira idade interior pelas Copas e não pelos anos. Aliás, na Antiguidade media-se o tempo histórico pelas Olimpíadas.

E independente do resultado de cada torneio mundial, fica o espanto pelo tempo que foi passando. Custa a absorver os 60 anos que me separam da Copa de 1950, aqui mesmo no Rio, a primeira depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial.

Evidente que tudo era estranho: Getúlio ainda não se suicidara, ninguém conhecia JK, Pelé era um menino de várzea, a Lua, inatingível, o Brasil não sabia fabricar uma tesourinha de unha. No plano particular, algumas mulheres que amei nem tinham nascido ainda.

Os livros que escrevi não estavam sequer na cabeça. Enfim, se um terremoto matasse os 200 mil torcedores que se espremiavam no Maracanã naquele Brasil x Uruguai de 1950, eu simplesmente não teria sido eu.

Não é o caso de perguntar se valeu a pena esta sobrevida de 60 anos. No plano estritamente esportivo, evidente que valeu: não vi o Brasil campeão em 1950, mas desforrei a frustração em 58, 62, 70, 94 e 2002.

No campo geral da vida, desaprendi algumas coisas e aprendi outras, não necessariamente melhores. Casei, descasei, tive filhos, escrevi livros, fui preso, desci aos infernos e não subi aos céus.

Cada Copa me traz, assim, um referencial completo, inadiável, de minha passagem pela vida e pelo mundo ó e já não ousa invocar aquela piedosa imagem da oração católica que chamou esta vida e o mundo de òvale de lágrimasö.

Não, não houve tantas lágrimas assim. As últimas, em certo sentido, foram deixadas no próprio Maracanã, quando acabou o jogo e a multidão, atônita, sentiu que o sonho acabara.

Anos depois, um cara de Liverpool que se julgava mais importante do que Jesus Cristo, também proclamou que o sonho acabara. Bolas, o sonho não acaba: afinal, cada despertar é o noviciado para novo sonho e assim vamos, de sonho em sonho, de Copa em Copa, levando o barco para frente.

De qualquer forma, é confortador que em 1982, na Copa da Espanha, eu estava de malas prontas para as férias de Positano, que Mila ó minha setter de olhos cor de mel ó acabara de chegar em minha vida.

Bom lembrar que em 1970 eu iniciava um tumultuado período de vida. Enfim, cada Copa, como cada dia, segundo as escrituras, tinha a sua malícia: *õSufficit diei malitia suaõ* (a cada dia bastam as suas preocupações). Imagino quantas Copas ainda terei pela frente. Duas, três, quatro? Talvez nenhuma. Bem, o problema, de tão meu, não chega a ser meu: é do destino.

E aí está o que desejava dizer desde o início da crônica: cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração.

A cada Copa ela se torna mais presente na vida de todos, nos becos e nas ruas, asfalto e favela reagem do mesmo jeito, até o mercado aquece, vende-se mais, bebe-se mais. Mesmo comparando a de 1950, que foi no Brasil, com o Maracanã novinho, não havia tanto comprometimento social, mercadológico e sentimental como hoje.

O simples futebol é um pretexto temporal e factual para um encontro, breve, mas profundo, com os outros e até conosco. De repente nos descobrimos autênticos, sofrendo ou gozando por nada mesmo, por um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletiva ao mesmo tempo.

Evidente que a esperança (ou a confiança) no resultado final é o reagente químico para um tipo de festa que nem sempre acontece. Não importa. Cada Copa funciona como um tranco dentro de nós mesmos e, por mais paradoxal que seja, uma pausa na verdadeira Copa da vida onde sempre perdemos. [CONY, 2010]

O tema futebol também é visitado pelo autor na crônica *õPernas de pau e cabeça de bagreõ*², publicada ainda no período da Copa do Mundo, o que comprova a preferência do autor pela temática, pelo assunto e pela vontade de se *õfalarõ* acerca do futebol. Nossa escolha pela primeira crônica publicada deve-se ao fato desta conter elementos mais significativos para nossa análise.

O título, por meio do marcador *õeõ*, adiciona dois elementos: *õCopaõ* e *õtempoõ*. O autor discorre, na crônica, justamente acerca da Copa do Mundo, lugar onde se instaura a cena, e o tempo, como marcador que anuncia a passagem cronológica de quatro anos entre uma Copa do Mundo e outra. Apesar de nosso foco de análise se pautar na instância da

² Crônica publicada em 25 de junho de 2010.

intertextualidade, faz-se necessário considerar, nesse momento, a noção de cenografia, uma vez que ela é instituída pelo próprio texto, isto é, o discurso determina a cenografia que implica tanto uma figura de enunciador e coenunciador, quanto a de *dêixis* em sua dupla modalidade, espacial e temporal. Segundo Maingueneau (2008), o quadro de uma *cenografia enunciativa* abriga os coenunciadores do discurso, uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar).

O autor deixa de privilegiar dois fatores importantes do evento esportivo competição e patriotismo para afirmar que o espaço de quatro anos que compreende o período entre as Copas, serve como referência ao tempo que passa e que o Réveillon, marco de doze meses, já é pequeno para essa passagem. Então, a afirmação de que o tempo ganhou uma nova dimensão, procede quando o autor se refere às grandes perspectivas interiores.

Excerto 1

Aliás, na Antiguidade media-se o tempo histórico pelas Olimpíadas.

E independente do resultado de cada torneio mundial, fica o espanto pelo tempo que foi passando. Custa a absorver os 60 anos que me separam da Copa de 1950, aqui mesmo no Rio, a primeira depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial.

Evidente que tudo era estranho: Getúlio ainda não se suicidara, ninguém conhecia JK, Pelé era um menino de várzea, a Lua, inatingível, o Brasil não sabia fabricar uma tesourinha de unha. No plano particular, algumas mulheres que amei nem tinham nascido ainda.

O autor trabalha tanto a intertextualidade implícita quanto a explícita quando cita, excerto 1, que na Antiguidade o tempo histórico era medido pelas Olimpíadas e outros momentos são apontados para marcar o tempo. Fragmentos como a lembrança da Segunda Guerra Mundial ou do presidente Getúlio Vargas ou, ainda, JK e, no campo futebolístico, Pelé, são personalidades que marcaram época. Fatos históricos também fazem parte dessa passagem: a conquista da Lua e a economia brasileira. O autor, por meio de citações, referências e alusões, estabelece relação intertextual para construir sentido.

O paralelo estabelecido na crônica se dá no diálogo discursivo entre a vida esportiva e a vida pessoal do autor. No primeiro caso, ele cita as vitórias do Brasil no futebol em 58, 62, 70, 94 e 2002 e, em relação à vida pessoal, relata que se casou, descasou, teve filhos, escreveu livros, foi preso e, de quatro em quatro anos, Copas aconteciam e fatos importantes de sua

vida transcorriam na velocidade das Copas. O autor pergunta-se de forma indireta e retórica se tudo o que viveu até os 60 anos teria valido a pena. A resposta é dada em dois planos: o esportivo e o pessoal. Para o primeiro plano a resposta é sim, valeu a pena, pois ele viu a vitória do Brasil em vários torneios, porém, em relação à vida pessoal, coisas boas e ruins aconteceram; em relação às boas, ele menciona casar-se, ter filhos etc., e, quanto às ruins, menciona a prisão³, a descida aos infernos e a não subida aos céus.

Excerto 2

Não, não houve tantas lágrimas assim. As últimas, em certo sentido, foram deixadas no próprio Maracanã, quando acabou o jogo e a multidão atônita, sentiu que o sonho acabara.

Anos depois, **um cara de Liverpool** que se julgava mais importante do que **Jesus Cristo**, também proclamou que o sonho acabara. Bolas, o sonho não acaba: afinal, cada despertar é o noviciado para novo sonho e assim vamos, de sonho em sonho, de

Copa em Copa, **levando o barco para frente**.

O autor menciona a tristeza de não ter visto o Brasil campeão na Copa de 1950 e que naquele momento o sonho acabara, frase que faz referência a um homem que se julgava mais importante do que Jesus Cristo, John Lennon, integrante da banca *The Beatles* e que morreu assassinado em 8 de dezembro de 1980, em Nova York, por Mark David Chapman. O intertexto é marcado pelas referências a John Lennon e sua famosa frase o sonho acabou.

Essa frase insere-se na letra da música *Godô* (Deus), em que o cantor afirma acreditar apenas em si mesmo e que é preciso continuar, *Vocês precisam continuar*, porém, sem acreditar no outro, pois o sonho acabou. Já o discurso construído na crônica compartilha da ideia de que é preciso levar o barco para frente, ou seja, continuar, todavia se opõe a afirmação de que o sonho acabou, pois o sonho não acaba. A intertextualidade no trecho em análise, apesar de não ter a citação a John Lennon, conta com a memória do leitor para produzir sentido pretendido, pois a mesma expressão o sonho acabou não traz as aspas, logo, entende-se que ela foi incorporada ao discurso do cronista que pretende estabelecer sentido recuperando a memória enciclopédica de seu leitor.

³ Carlos Heitor Cony foi preso em 1968 quando retornou de Cuba e em 13 de dezembro de 1978, pelo regime militar, data da decretação do Ato Institucional nº 5. Disponível em: [HTTP://www.releitura.com/cony_bio.asp](http://www.releitura.com/cony_bio.asp). Acesso em: 01.07.2014.

O autor segue comentando acerca da Copa e do tempo e explicita a finalidade da crônica, o que quis dizer, como se fosse quase uma moral, cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração.

Devido à formação do autor, referências religiosas estão presentes de forma significativa em suas crônicas, então, citações como piedosa imagem da oração católica que chamou esta vida e o mundo de vale de lágrimas ou segundo as escritas, tinha a sua malícia: Sufficit diei malitia sua (a cada dia bastam as suas preocupações) são frequentes no corpo de sua narrativa.

Excerto 3

O simples futebol é um pretexto temporal e factual para um encontro, breve, mas profundo, com os outros e até conosco. De repente nos descobrimos autênticos, sofrendo ou gozando por nada mesmo, por um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletiva ao mesmo tempo.

No excerto 3, o autor afirma ser o futebol um pretexto para encontros consigo mesmo ou com o outro e, de forma poética, descreve o que tal esporte desperta nas pessoas e o paradoxo entre cada Copa do Mundo e os sentimentos dos torcedores. A concepção da alteridade se instaura a partir do que o futebol representa socialmente. Um fenômeno sociocultural que ultrapassa a visão utilitarista de esporte das multidões, representando um estilo de vida, com todas as suas características peculiares. Quando o autor menciona o sentimento geral, faz referência àquilo que o futebol proporciona coletivamente, ou seja, alívio das pressões e decepções sociais do cotidiano, porém, ao mesmo tempo, alegria, prazer e descontração. É possível depositar no futebol uma esperança de vitória e sucesso que na vida real não aconteceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu-nos analisar o interdiscurso como espaço de trocas e o plano da intertextualidade como parte de um sistema de restrições semânticas globais e

verificamos como os processos dialógicos atuam na produção e na leitura de crônicas jornalísticas para a produção de sentido.

Observamos o que Maingueneau já havia apontado em seu estudo, que não é possível privilegiar um plano em detrimento de outro, mas enlacá-los em um mesmo movimento, o que implica afirmar que o significado ou os sentidos não se encontram em uma parte específica do texto, mas nos sentidos que emanam do conjunto e organizados de acordo com um mesmo conjunto de regra, a semântica global.

Carlos Heitor Cony, na crônica *ãA Copa e o tempoö*, afirma que o futebol é um pretexto para reflexões a respeito da vida e compara a passagem dos vários torneios da Copa do Mundo com os anos de sua vida, o que acontece de quatro em quatro anos e o que também ocorre em sua vida pessoal. O marco de tempo indica a maneira como o cronista vê o tempo passar.

O estudo realizado permitiu-nos observar que a crônica jornalística é constituída de outros discursos e não objetiva ao mero entretenimento, mas as reflexões que mobilizam a adesão dos leitores, com base em determinados posicionamentos e estabelecendo uma relação dialógica que permite cumplicidade entre ambos. A análise da crônica possibilitou-nos perceber resultados parciais de um estudo que acreditamos gerar outras leituras e novas abordagens, inclusive para o ensino de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 150.
- BELLOS, A. *Futebol*. O Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 54.
- BRANDÃO, H. N. *õTexto, gênero do discurso e ensinoö*. In: Brandão, Helena Nagamine (org). *Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 43.
- CHARTIER, R. *A Aventura do Livro ó do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 72.
- CHAUÍ, M. S. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 82.
- FERNÁNDEZ, M. C. O. *Futebol ó fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974, p. 73.
- FRASSON, R. M. D. *ãA intertextualidade como recurso de argumentaçãoö*. Letras, Santa Maria, n. 4. Jul/Dez, 1992, p. 85-96.
- GREGOLIN, M. R. F.V. *No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault*, Cidade: Editora, 2011, p. 20.

- GREIMAS, A. J. *Sémantique structural*. Paris: Larousse, 1966, p. 66.
- GREIMAS, A. J. e COURTÈS, J. *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979, p. 57.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997, p. 99.
- _____. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 84.
- OSAKABE, H. *A argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 45.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et alii. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 134.
- PEDROSA, M. *Gol de Letra* o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1968, p. 68.
- KOCH, I. G. V. ; BENTES, A. C. et CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 76.
- KRISTEVA, J. *Semiótica do Romance*. Lisboa: Arcádia, 1978, p. 98.
- RESENDE, F. A. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume: Fapesb, 2002, p. 45.
- TOLEDO, V. M. S. Intertextualidade na poesia brasileira contemporânea. Notas sobre o uso de recursos intertextuais na poesia brasileira atual. *Revista Contexto* da UFES. Ano V, n. 4, p. 155-166, 1996.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the interdiscourse and intertextuality in the constitution of the journalistic chronicle "The Cup and time," Carlos Heitor Cony. We intend to initially set the chronic gender and then the football discourse, since the analyzed chronic theme is football. Based on the relationship between different discourse plans, including intertextuality, seeks to verify how is the trade space (interdiscourse) prior to the genesis of discourses present in chronic. Whereas there is always a interdiscursive dialogue between various statements to the production of meaning, we aim to understand how the discourse in this genre is made in the light of the theory of discourse analysis and how to articulate the pedagogical work of the Portuguese language. We note that the journalistic chronicle is made up of other speeches and does not aim to mere entertainment, so this approach should also be working in the school context, especially in Portuguese-speaking school.

KEYWORDS: Interdiscursivity. Intertextuality. Chronicle.

Envio: outubro/2016

Aceito para Publicação: Novembro/2016